

CIRANDA DE RODAS, VAMOS BRINCAR?

- Artigo de Opinião -

Eliane Lemos

Psicóloga; Mestre em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Mackenzie
Especialista no atendimento da pessoa portadora de necessidades especiais pela Universidade de São Paulo
Coordenadora do Programa Crianças e Adolescentes da ADD – Associação Desportiva para Deficientes
Psicóloga do esporte adaptado da equipe de basquete Magic Hands
Palestrante e professora universitária
eliane-lemos@uol.com.br

Muitas vezes quando falamos sobre deficiência e crianças, dificilmente associamos o brincar.

Brincar tem como a mais simples definição no dicionário Aurélio: divertir-se infantilmente.

Crianças portadoras de deficiência descobrem que todas as vezes que pegam numa bola, terão que manter sua atenção no movimento correto para aproveitar o exercício que aprendeu na reabilitação, em segundo plano fica o brincar. Não há nada de errado nesse processo, mas é preciso alternar essa seqüência, ou seja, apenas mudar o foco.

Até o ano de 2001 era essa a realidade de muitas crianças, atualmente 78 estão fora desse quadro, pois descobriram através da prática do esporte adaptado o prazer da brincadeira onde a maior expressão é seu próprio corpo, seja ele como for, e a partir daí é pura diversão.

Esse número é apenas um grão de areia perto do universo de 24,5 milhões de pessoas portadoras de deficiência em nosso país, mas significa que ele já existe e pode aumentar com a participação de todos.

Sem o objetivo de reabilitação a ADD – Associação Desportiva para Deficientes deu início ao Programa Crianças em 2001, que beneficia crianças e adolescentes entre 5 e 16 anos de idade, portadores de deficiência física, visual e mental em duas modalidades esportivas: o basquete sobre rodas e a natação para todos.

O maior objetivo desse trabalho é o olhar além da deficiência que favorece o auto-conhecimento e fortalece a auto-estima para que essas crianças descubram que suas vidas são cheias de possibilidades e que o sucesso faz parte do seu repertório.

Essas crianças residem nos pontos mais distantes da Grande São Paulo e chegam aos locais de treino ansiosas por um momento que passa a ser mágico em sua vida, pois é assim que ela se confronta com a deficiência e a coloca de lado para ser apenas uma criança correndo atrás da bola, mesmo que esse correr seja sobre rodas ou estar dentro da água com seus amigos.

O esforço e dedicação dos pais ultrapassam toda e qualquer definição que podemos ter conhecimento.

Está além do olhar de piedade que as pessoas remetem aos seus filhos, ao desemprego, a falta de alimento, ao sistema precário da rede de saúde pública, educação, transporte, enfim a lista é imensa, mas quando eles vêem seus filhos em condições de igualdade, na mais ampla expressão corporal, seus olhos brilham e nesse momento suas dificuldades ficam em segundo plano e eles se abrem no mais amplo sorriso e sua alma se ilumina.

O maior objetivo é facilitar que essas crianças e adolescentes vivam intensamente todas as possibilidades que possuem em sua vida, que vai além da forma como andam, se comunicam, vêem e compreendem o mundo.

A auto-estima fortalecida será base de suas conquistas, sejam elas físicas, sociais e psicológicas. Isso ultrapassa a definição de deficiência, porque é olhar além das limitações e oferecer condições para que ela descubra que ela é uma parte que compõe o todo.

Após 4 anos de existência os seguintes resultados são observados:

- Cinquenta e dois por cento (52%) é do sexo masculino,
- Oitenta e quatro (84%) é composto por pessoas portadoras de deficiência física, onde quarenta e dois por cento (42%) são lesionados medulares em decorrência de mielomeningocele. Esse número é muito significativo e demandaria uma análise mais cuidadosa sobre quais as variáveis que desencadearam essa patologia.
- Dezesete por cento (17%) obtiveram a deficiência física em decorrência da paralisia cerebral. Nesse universo que atendemos, uma criança com 7 anos de idade, do sexo feminino obteve seqüelas devido à aquisição de poliomielite.
- Quarenta e dois por cento (42%) adquiriram a deficiência no decorrer de suas vidas.

De acordo com a Lei 8.069 de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências, determina em seu Artigo 2º : “considera-se criança, para os efeitos desta Lei , a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

- Assim, são cinquenta e dois por cento (52%) de crianças entre 5 e 12 anos incompletos e quarenta e oito por cento (48%) de adolescentes.

O grau de escolaridade foi dividido seguindo os padrões estabelecidos pelo ministério da educação que determina como PRIMEIRO GRAU crianças que estão em curso desde a pré-escola, que compõem o ENSINO FUNDAMENTAL que compreende da 1ª à 8ª série e SEGUNDO GRAU, o ENSINO MÉDIO, QUE COMPREENDE DO 1º ao 3º colegial.

- Somente dez por cento (10%) da população faz parte do ENSINO MÉDIO.
- Quarenta por cento (40%) das famílias sobrevivem com uma renda mínima entre R\$ 300,00 (trezentos reais) e R\$ 900,00 (novecentos reais)
- Cinco por cento (5%) sobrevivem com apenas um salário mínimo com o valor de R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais). Isso retrata a urgência em se desenvolver programas que sejam voltados para a geração de rendas da família, uma das alternativas é a formação de cooperativas.

Os pais observam os seguintes resultados em relação aos seus filhos:

- Ficou mais extrovertido
- Aumentou a independência na cadeira de rodas (agilidade, transferências e superação de obstáculos como pequenos degraus)
- Melhorou a auto-estima do filho e da família como um todo
- Melhorou a comunicação e o relacionamento social
- Melhorou as condições físicas que reflete diretamente na saúde
- Está mais feliz e a deficiência deixou de ser um motivo para depressão e de vergonha
- Motivado para realizar outras terapias necessárias e indicadas pelos médicos responsáveis
- Desenvolveu maior equilíbrio emocional
- Melhorou a coordenação motora
- Despertou o sentimento de igualdade
- Despertou o interesse nos esportes
- Despertar o sentimento de fazer parte da sociedade
- Despertou o desejo de ter um futuro com sucesso e realizações positivas.
- Sente orgulho de si mesmo quando está em público
- Enfrenta a verdade mesmo que as pessoas olhem para ele

Isso reforça mais uma vez os benefícios que a prática esportiva traz, mesmo que o programa crianças não tenha um foco de reabilitação, ele se torna uma ferramenta muito forte na reabilitação física, social e psicológica.

O sentimento de pertencimento é muito grande e a possibilidade de planejar o futuro é a aquisição mais significativa na vida dessas crianças, adolescentes e todas as famílias.

O solo é fértil, por isso podemos lançar mais sementes e assim convidar mais crianças para brincarem de roda, sobre rodas!